



CONSIDERAÇÕES SOBRE VULNERABILIDADES NA OBRA “O QUARTO DE DESPEJO” DE CAROLINA MARIA DE JESUS

THOUGHTS ON VULNERABILITIES IN THE BOOK “CHILD OF THE DARK” BY CAROLINA MARIA DE JESUS

Wallace Rodrigues 1


Resumo: Este escrito busca fazer algumas considerações sobre vulnerabilidades na obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, de 1958. Nossa análise para este escrito é qualitativa e nossa pesquisa foi bibliográfica. Os resultados mostram as vulnerabilidades sociais e educacionais na vida da escritora através do que ela deixou relatado em sua referida obra. Ainda, sua pouca educação escolar e os problemas sociais enfrentados por ela fizeram com que ela se tornasse uma mulher crítica, feminista e visionária para sua época e suas condições de vida.

Palavras-chave: Vulnerabilidade Social. Vulnerabilidade Educacional. Pobreza.

Abstract: This paper seeks to make some considerations about vulnerabilities in Carolina Maria de Jesus's 1958 book “Child of the dark”. Our analysis for this writing is qualitative and our research was a bibliographic one. The results of this paper show the social and educational vulnerabilities in the writer's life through what she had left written in her book. Still, her poor school education and the social problems she faced made her a critical person, a feminist and a visionary woman for her time and living conditions.

Keywords: Social Vulnerability. Educational Vulnerability. Poverty.

1 Doutorado em Humanidades da Universidade de Leiden (Leiden, Países Baixos). Professor Adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. Docente do PPGL e PPGDire. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5195497710570480>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>. E-mail: walacewalace@hotmail.com



Introdução

Este trabalho nasce a partir de nossos estudos e leituras para o projeto de pesquisa “Vulnerabilidades retratadas na literatura brasileira”, criado em 2018 e cadastrado na Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína, com número de registro 2641. Tal projeto também está ligado aos grupos de pesquisa “Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO” e ao “GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM DEMANDAS POPULARES E DINÂMICAS REGIONAIS” (AMBOS DA UFT/ARAGUAÍNA).

Aqui buscamos pensar, a partir da obra literária intitulada “Quarto de despejo. Diário de uma favelada”, da escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus, sobre as vulnerabilidades sociais e educacionais enfrentadas pela escritora e por muitos brasileiros ainda nos dias de hoje.

Nossa pesquisa para este escrito foi bibliográfica, pois foi baseada em livros e artigos de revistas científicas para dar conta de nosso intento de busca, e nossa análise foi qualitativa, almejando compreender os meandros das vulnerabilidades apresentadas no referido livro.

Aqui tentaremos mostrar como o livro nos deixa perceber a realidade de Carolina Maria de Jesus, seu pensar feminista, suas reflexões sobre a precariedade financeira e empregatícia, sua concepção acerca da política e dos políticos e sobre temas como as celebrações do dia 13 de maio, entre outros pontos. Tudo isso para buscar um entendimento mais cabal acerca das vulnerabilidades que efetivamente marcaram e fragilizaram a vida da escritora e de sua família.

Vulnerabilidade social e outros pontos em “Quarto de despejo”

Vale começar o desenvolvimento deste texto pensando sobre a autora do livro a que nos dedicamos a falar sobre: “Quarto de despejo. Diário de uma favelada”. Carolina Maria de Jesus (Sacramento, 14 de março de 1914 — São Paulo, 13 de fevereiro de 1977) virou celebridade nacional desde o lançamento de seu livro “Quarto de despejo. Diário de uma favelada”, publicado em partes a partir de 1958. Tal livro foi publicado na íntegra em 1960 e com auxílio do jornalista Audálio Dantas. Carolina Maria de Jesus era uma catadora de papel e outros materiais recicláveis que encontrava pelas ruas da cidade de São Paulo. Ele tinha somente dois anos de grupo escolar, ou seja, ela somente estudou numa instituição escolar oficial por dois anos.

Seu livro é um diário onde registrava o cotidiano da favela e de sua vida, denominando a favela como um “quarto de despejo” da sociedade paulistana. Nesse quarto de despejo estavam os indesejados: os negros, os bêbados, os vadios, etc. Ainda, a favela a qual Carolina de Jesus se referia no livro era a favela do Canindé, às margens do Rio Tietê, que hoje já não existe, pois deu lugar à atual Marginal Tietê.

Apesar de estar em formato de diário, o livro não traz relatos dia a dia, pois havia dias em que ela não relatava nada em seu “diário”. Os escritos do livro começam em 15 de julho de 1955 e terminam em 1 de janeiro de 1960.

Sua linguagem é ímpar em vários aspectos, pois mostra uma expressão a partir do real (da realidade vivida pela escritora); mostra “erros”, de acordo com a norma culta da língua portuguesa; e é extremamente espontâneo. Maria Nazareth Fonseca et. al. falam sobre a força da referida obra de Carolina de Jesus:

No geral, a obra de Carolina de Jesus é considerada como portadora de grande força e autenticidade. Os adjetivos dados pela crítica a sua obra variam de surpreendente e comovente, a ingênua e bizarra. Mas o certo é que a obra de Carolina não é fruto de uma refinada elaboração estética. Pode-se dizer que é “literatura em estado bruto”, resultado contundente da ação de viver. É a experiência da vida transformada em mensagem literária. É potência da vida: relatos de miséria tornados arte. (FONSECA et. al., 2006, p. 146)

Voltando à ideia de publicação do livro, podemos verificar que foi numa visita do jornalista Audálio Dantas à favela do Canindé, para fazer uma reportagem, que Carolina Maria de Jesus deixou ver seus escritos. Ela escrevia muito para não deixar-se sucumbir pela complicada vida na favela. Ela nos diz que:

Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (JESUS, 2014, p. 22)

Carolina Maria de Jesus teve 3 filhos: João José (de 1948) José Carlos (de 1949) e Vera Eunice (de 1953). Cada um dos seus três filhos foi fruto de um relacionamento diferente. Carolina nunca quis se casar para não se submeter a um homem, como ela mesmo nos comenta:

De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer. Mas hoje é segunda-feira e tem muito papel na rua. (...) O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (Idem, p. 49)

Essa visão de vida de solteira da escritora encarna uma atitude extremamente feminista para sua época, pois ela escolheu ser mãe, mas sem a presença de um homem a seu lado. Ela independia de um companheiro para ser feliz, já que na favela muitos homens batiam nas suas mulheres e/ou embriagavam-se constantemente, levando a problemas na vida conjugal.

Ela sempre relatou, no decorrer de todo o diário, as dificuldades em conseguir comida para seus filhos. A fome era uma companheira constante na vida de Carolina de Jesus e de seus filhos, deixando-nos ver as carências das classes populares:

Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou para passar fome. (Idem, p. 44)

Tais necessidades básicas insatisfeitas na vida de Carolina de Jesus e de seus filhos foi uma constante e foram além da alimentação diária. Ela nos relatou as suas dificuldades para comprar vestimentas numa São Paulo fria e a falta de privacidade na favela:

Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados....E o pior na favela é o que as crianças presenciavam. Todas as crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. (Idem, p. 45)

Sobre suas obras sabemos que Carolina de Jesus deixou 58 cadernos que somam 5000 páginas de textos: são sete romances, sessenta textos curtos e cem poemas, além de quatro peças de teatro e de doze letras para marchas de carnaval. Suas obras escritas em vida foram: “Quarto de Despejo” (de 1960), “Casa de Alvenaria” (de 1961), “Pedaços de Fome” (de 1963) e “Provérbios” (de 1963).

Ainda, a partir dos escritos deixados por Carolina de Jesus foram publicadas suas obras póstumas: “Diário de Bitita” (de 1977), “Um Brasil para Brasileiros” (de 1982), “Meu Estranho Diário” (de 1996), “Antologia Pessoal” (de 1996), “Onde Estaes Felicidade” (de 2014) e “Meu sonho é escrever – Contos inéditos e outros escritos” (de 2018).

Voltando ao nosso livro de análise, vemos que o livro “Quarto de despejo” também deixa perceber uma forte crítica social à política da época, à falta de planejamento na urbanização das grandes cidades, às necessidades dos mais pobres, etc. Em relação às celebrações do dia 13 de maio (dia da abolição da escravidão dos negros), ela fala-nos sobre a situação dos negros no Brasil:

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. [...] Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A minha filha Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a dona Alice. Ela me deu a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual, a fome! (Idem, p. 30, 32).

Ela era consciente da manipulação dos políticos para ganhar votos e que estes, se eleitos, nada fariam pelos pobres favelados:

Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de troia que aparece de quatro em quatro anos. (Idem, p. 43)

Agora, pensando a partir de uma visão mais voltada para as vulnerabilidades sociais retratadas no referido livro, buscaremos compreender um pouco sobre o que seria esse conceito de vulnerabilidade. Verificamos que o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA desenvolveu uma metodologia (Índice de vulnerabilidade social – IVS) que tomou vários fatores em relação ao desenvolvimento humano para tratar sobre as vulnerabilidades, isso para além do paradigma somente da pobreza material. Conforme o IPEA:

De forma complementar ao que o IDHM retrata, o IVS dá destaque a um amplo conjunto de indicadores de situações que traduzem e refletem condições menos favoráveis de inserção social, refletindo a trajetória social das pessoas, de suas famílias e de seu meio social, seja em termos do capital humano, seja em termos de sua inserção no mundo do trabalho e da produção, ou em termos de suas condições de moradia e da infraestrutura urbana. A análise integrada do desenvolvimento humano com a vulnerabilidade social oferece o que se denomina aqui de prosperidade social. A prosperidade social é a ocorrência simultânea do alto

desenvolvimento humano com a baixa vulnerabilidade social, sugerindo que, nas porções do território onde ela se verifica, ocorre uma trajetória de desenvolvimento humano menos vulnerável e socialmente mais próspera (BRASIL, 2015, p. 74)

Assim, as situações de vulnerabilidade social (não somente de pobreza ou ligadas à dimensão monetária) passaram a ter relevância num contexto de análise do desenvolvimento humano dos cidadãos de cada município investigado. Ainda conforme o IPEA:

As noções de “exclusão” e de “vulnerabilidade social” têm sido cada vez mais utilizadas, no Brasil e no mundo, por pesquisadores, gestores e operadores de políticas sociais, num esforço de ampliação do entendimento das situações tradicionalmente definidas como de pobreza, buscando exprimir uma perspectiva ampliada complementar àquela atrelada à questão da insuficiência de renda. Assim como as noções de “necessidades básicas insatisfeitas”, “pobreza multidimensional” e “desenvolvimento humano”, exclusão e vulnerabilidade social são noções antes de tudo políticas (ainda que nem sempre sejam percebidas como tal), que introduzem novos recursos interpretativos sobre os processos de desenvolvimento social, para além de sua dimensão monetária (BRASIL, 2015, p. 12)

Também, em seu livro, Carolina de Jesus deixa-nos ver sua realidade social e as questões de vulnerabilidade social que abarcavam sua vida e a de seus filhos. Várias são as necessidades básicas insatisfeitas em sua vida, principalmente aquelas que se referem à alimentação diária e suficiente. Ela nos relatou a alegria em ter comida na mesa:

Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles. Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Você que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá. Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia. (JESUS, 2014, p. 43)

Ainda em:

Casa que não tem lume no fogo fica tão triste! As panelas fervendo no fogo também serve de adorno. Enfeita um lar. Fui na casa da Dona Nenê. Ela estava na cosinha. Que espetáculo maravilhoso! Ela estava fazendo frango, carne e macarronada. Ia ralar meio queijo para por na macarronada! Ela deu-me polenta com frango. E já faz dez anos que eu não sei o que é isto... Na casa da Dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lágrimas emanava-se dos meus olhos, que eu fiquei com dó dos meus filhos. Eles haviam de gostar daqueles quitutes. (Idem, p. 106)

Também, a precariedade do trabalho dos negros em relação à estabilidade dos brancos no Brasil fica nitidamente clara neste livro de Carolina de Jesus. O professor Wallace Rodrigues revela-

nos um pouco sobre essa desigualdade laboral entre brancos e negros:

As fontes de trabalho barato, encontradas pela elite brasileira da época [período imperial], reafirmam um histórico de exclusão dos mais pobres, a mão de obra barata para o capitalismo à brasileira. Nesse sentido, indígenas e negros sofreram, e ainda sofrem, com os preconceitos étnicos, o que interfere diretamente em sua situação no mercado de trabalho formal e informal. Ainda, a manutenção desta exploração desigual das relações de trabalho para os negros se refletem claramente na representatividade dos negros no mercado de trabalho e nos postos de maior qualificação profissional. Tudo isso resulta em uma maior vulnerabilidade social dos negros em relação aos brancos no Brasil. No caso brasileiro, todas as relações de poder, historicamente, sempre fizeram com que os brancos tivessem mais acesso aos bens sociais que os negros. (RODRIGUES, 2017, p. 110)

Para além da vulnerabilidade laboral, outro ponto a perceber na vida de Carolina de Jesus é sua vulnerabilidade educacional, já que somente estudou por dois anos de sua vida e não teve acesso à educação formal por mais tempo. Ela nos diz: “Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei dominar meus impulsos” (Idem, p. 16). Numa fórmula ingênua ela relaciona educação escolar a impulsos emocionais.

Porém, apesar de ter tão curta incursão pela educação escolar, Carolina de Jesus buscava ler e escrever sempre que possível. Ela relata-nos: “Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (Idem, p. 24). Ainda: “Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (Idem, p. 25).

Nesta mesma linha de pensamento, o educador Paulo Freire deixa-nos ver que a educação tem papel fundamental na humanização das pessoas e na busca de melhores condições de desenvolvimento social. Assim, as situações de vulnerabilidade educacional que atingiram Carolina de Jesus ainda são, infelizmente, uma constante no Brasil. Conforme Freire:

O que é o homem, qual a sua posição no mundo - são perguntas que temos de fazer no momento mesmo em que nos preocupamos com educação. Se essa preocupação, em si, implica nas referidas indagações (preocupações também, no fundo), a resposta que a ela dermos encaminhará a educação para uma finalidade humanista ou não. Não pode existir uma teoria pedagógica, que implica em fins e meios da ação educativa, que esteja isenta de um conceito de homem e de mundo. Não há, nesse sentido, uma educação neutra. Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu que fazer educativo segue um outro caminho. Se o encaramos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encaramos como pessoa, nosso que fazer será cada vez mais libertador (FREIRE, 1997, p. 9)

Essa coisificação do homem fica clara nas críticas sociais de Carolina de Jesus. Ela compreendeu que sua vida poderia ter tido outro rumo se tivesse mais acesso à educação escolar. O professor Dermeval Saviani diz-nos que a educação está diretamente ligada à melhoria da vida das pessoas, auxiliando a retirá-las de situações de vulnerabilidade:

Trata-se, pois, de eleger a educação como máxima prioridade, definindo-a como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional e, em consequência, carrear para ela todos os recursos disponíveis. Assim procedendo, estaríamos atacando de frente, e simultaneamente, outros problemas do país, como saúde, segurança, desemprego, pobreza, infraestrutura de transporte, de energia, abastecimento, meio ambiente etc. Infelizmente, porém, as tendências que vêm predominando na educação brasileira caminham na contramão dessa proposta (SAVIANI, 2009, p. 153)

Também, o professor Wallace Rodrigues (2017) fala-nos sobre a educação durante o período da ditadura militar (1964-1985) no Brasil, período esse posterior à escrita do livro “Quarto de despejo”, mas que retrata uma piora nas questões ligadas às vulnerabilidades sociais.

Nesse mesmo período a vulnerabilidade socioeconômica da população brasileira se colocava como um entrave para o desenvolvimento do país. Na verdade, os militares nunca almejavam, verdadeiramente, o bem do país, principalmente nas áreas educacionais e sociais. No Brasil sofremos historicamente com a depravação dos direitos básicos de humanização dos sujeitos (primeiro os indígenas, depois os negros escravizados, das mulheres, dos homossexuais, etc), e isso parece manter-se, apesar de vários avanços das últimas décadas. (RODRIGUES, 2017, p. 105)

Neste sentido, o livro “Quarto de despejo. Diário de uma favelada” traz-nos temas que ainda devemos discutir no Brasil de hoje, deixando ver que muitas pessoas ainda não têm acesso à educação escolar, à moradia adequada, a saneamento básico, a trabalho formal, entre tantos outros pontos essenciais para que as pessoas vivam com dignidade e tenham a mínima qualidade de vida desejável na atualidade, deixando de ser apenas “coisas”.

Considerações Finais

Este texto buscou compreender alguns pontos ligados às vulnerabilidades sociais retratadas no livro “Quarto de despejo. Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus. A atualidade da discussão levantada pela escritora é de assustar! Ainda enfrentamos problemas de urbanização das grandes cidades, de favelização, de falta de acesso à educação básica, de falta de saneamento, de falta de recursos para uma alimentação suficiente para muitas pessoas, de falta de trabalho formal, entre tantos outros problemas.

Ainda, a aproximação de Carolina Maria de Jesus a temas como feminismo, discussão de gênero, crítica social, negritude, crítica política, estratificação social dos espaços das cidades (entre salas de estar e quartos de despejos), entre outros pontos, alertam-nos para problemas brasileiros recorrentes e ainda sem solução.

Também, o claro anseio de Carolina de Jesus por mais estudo formal e sua necessidade diária de escrita para relatar sua realidade social deixam-nos perceber sua vulnerabilidade educacional e aquela de seus filhos.

Vemos que o reconhecimento através do livro “Quarto de despejo” faz com que Carolina de Jesus obtenha uma certa superação de algumas vulnerabilidades, viabilizando ferramentas para ter uma vida mais cheia de oportunidades para ela e para seus filhos.

Podemos, portanto, perceber que vulnerabilidade social é um conceito potente que convoca à reflexão e exige um posicionamento prático e teórico. Aqui tentamos fazer tal reflexão a partir do primeiro livro de Carolina de Jesus.

Verificamos, ainda, que a referida obra de Carolina Maria de Jesus não é somente um diário de suas dificuldades de vida em uma favela de cidade grande, mas um relato contundente nas necessidades pelas quais muitos brasileiros ainda passam e que devem ser sanadas com extrema urgência.

Por fim, percebemos que nomear-se uma “favelada” torna-se, na verdade, uma afirmação de diferença, uma afronta aos “cidadãos de bem” da “sociedade tradicional” brasileira, sendo, por si só, um ato crítico, questionador e revolucionário. Carolina de Jesus trabalha no espaço das diferenças, onde ela articula pensamentos críticos a partir de sua sofrida realidade.

Referências

BRASIL. **Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros**. COSTA, Marco Aurélio; MARGUTI, Bárbara Oliveira (editores). Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Brasília: IPEA, 2015.

FONSECA, M. N.; JOVINO, I.; MACHADO, V.; OLIVEIRA, S. **Autores afro-brasileiros contemporâneos**. IN: Literatura afro-brasileira. Organização: Forentina Souza, Maria Nazaré Lima. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, pág. 113-178.

FREIRE, P. Papel da educação na humanização. IN: **REVISTA DA FAEEDA**. FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. ANO 6 N. 7, EDIÇÃO DE HOMENAGEM A PAULO FREIRE. SALVADOR-BA, ISSN 0104-7043 – UNEB – PÁG. 9-17, JAN/JUN 1997.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**. Diário de uma favelada. 10ª. ed. São Paulo: Ática, 2014.

RODRIGUES, W. Nosso negro passado e vulnerabilidade social atual. IN: **Revista Contemporânea**: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 02, n. 01, out/dez. 2017, pág. 104-115. Disponível em: <http://www.ojs.toledo.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/2596/246> . Acesso em 12 de set. 2019.

RODRIGUES, W. **O Parfor enquanto estratégia educacional de luta contra a vulnerabilidade social**. IN: Revista Acadêmica Magistro. Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. Vol.2, n. 16, pág. 95-109, 2017. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/4319/0> . Acesso em 09 de set. 2019.

SAVIANI, D. **Formação de professores**: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. IN: Revista Brasileira de Educação. Vol. 14, nr. 40, pág. 143-155,2 jan./abr. 2009.

Recebido em: 14 de setembro de 2019.

Aceito em: 21 de março de 2022.